



EFEITO ESTUFA

Países ricos querem compensar as próprias emissões, diz Aldo Rebelo

CLIMA - Para o ex-ministro, mercado de carbono limita o desenvolvimento de países pobres e uso de combustíveis fósseis está longe de acabar

BRUNA LIMA
Da Redação
FÁBIA SEPÊDA
Especial para O Liberal,
direto de Dubai

Negociações, anúncios, encontros e criações de estratégias em prol do meio ambiente ocorrem na 28ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP28), em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Mas, em meio aos avanços, ainda há pendências das conferências anteriores, que podem se acumular e chegar até a COP 30, que será realizada em Belém, em 2025.

Para avaliar essas pendências, a reportagem de O Liberal conversou com Aldo Rebelo, ex-presidente da Câmara dos Deputados e ex-ministro da Defesa, da Ciência e Tecnologia e dos Esportes em governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, hoje roda a Amazônia para denunciar o que considera equívocos nas políticas públicas para a Amazônia. Para ele, a preocupação com o clima e a emissão de gases de efeito estufa é uma agenda para consumo público, porque a verdadeira preocupação dos países ricos é com a segurança energética, não com a segurança climática. Por isso, nada será feito contra a produção e o uso de combustíveis fósseis.

AMPLIAÇÃO

O ex-ministro destaca que no ano passado foi ampliado não só o prazo, mas o volume do uso de combustíveis fósseis (gás natural, petróleo e carvão mineral), por conta da guerra da Ucrânia e da necessidade de se oferecer segurança energética para os países ricos e desenvolvidos. O que as energias renováveis ainda não são capazes de oferecer, porque não há disponibilidade para a substituição no curto e médio prazos.

"Tanto é que, recentemente, a própria Inglaterra autorizou a abertura de



Rebelo: verdadeira preocupação dos países ricos é com a segurança energética

Após o início da guerra na Ucrânia, países europeus ampliaram o uso de combustíveis fósseis, diz Rebelo

mais de 100 novos poços de petróleo no mar do norte e a Shell, que é uma empresa anglo-holandesa com sede em Londres, reduziu o investimento em energias renováveis e aumentou em combustíveis fósseis porque segundo o presidente da Shell, o volume máximo de produção de energias e de combustíveis fósseis só será alcançado em 2036", pontua Aldo Rebelo.

Para Aldo Rebelo, a redução dos gases do efeito estufa não é uma questão simples, pois o que se busca é a compensação para que os países emissores continuem emitindo e outro país que vá sequestrar esses gás, mas a tecnologia para isso é cara.

"Esse mercado mundial de carbono só funcionaria em forma de pagamento para que países em desenvolvimento substituam seu desenvolvimento por uma espécie de bolsa carbono, no caso da Amazônia, seria pagar para não desmatar, mas isso significaria pagar para não produzir", reflete Aldo Rebelo.



Cutrim: diminuição da dependência de combustíveis fósseis ainda é limitada

Dependência de combustíveis fósseis continua

André Cutrim Carvalho, economista com doutorado em Desenvolvimento Econômico e pós-doutorado em Economia pela Universidade de Campinas (Unicamp), professor-pesquisador da Universidade Federal do Pará (UFPA) e conselheiro do Conselho Regional de Economia (Corecon-PA/AP), Destaca que um dos maiores desafios enfrentados nas últimas COPs, incluindo a COP26, realizada em Glasgow, na Escócia, e a COP27, realizada em Sharm el-Sheikh, no Egito, é o progresso limitado na diminuição da dependência global de combustíveis fósseis. O pesquisador pontua que essa é uma questão crucial, pois os combustíveis fósseis são responsáveis por uma parcela significativa das emissões globais de gases de efeito estufa, que têm acelerado as mudanças climáticas. Um grande problema, sobretudo em países em desenvolvimento como o Brasil. "Embora muitos países, sobretudo os ditos 'desenvolvidos', tenham se comprometido a diminuir suas emissões de gases de efeito estufa, frequentemente observa-se uma lacuna entre esses compromissos e a implementação efetiva dessas ações. Isso se manifesta na forma de planos inadequados de gestão (e governança) para reduzir a dependência de combustíveis fósseis e na falta de investimento suficiente em fontes de energia renovável. Na verdade, um grande desafio tem sido a continuidade do financiamento e do subsídio a indústrias de combustíveis fósseis por parte de governos e instituições financeiras. Isso contrasta com a necessidade de direcionar mais recursos para tecnologias limpas e renováveis", explica o pesquisador. André Cutrim destaca que enfrentar as pendências nas ações setoriais voltadas à redução das emissões de gases de efeito estufa é um desafio que demanda uma abordagem meticulo-

sa. Para isso, é crucial conduzir uma análise que transcenda os aspectos técnicos e abrace a urgência inadiável desta questão ambiental, integrando uma compreensão profunda dos impactos e das soluções necessárias para combater as emissões de forma eficaz e tempestiva. Conforme explica o pesquisador, na atual conjuntura, uma das maiores fontes de emissões de gases de efeito estufa é o setor energético, especialmente a queima de combustíveis fósseis para geração de energia e atividades industriais. A transição para fontes de energia renováveis e limpas é indiscutível, mas tem enfrentado uma série de obstáculos como investimento inicial significativamente elevado, resistência política e infraestrutura inadequada. "O setor de transporte, por exemplo, é outro grande emissor de gases de efeito estufa. Ações pendentes incluem, por exemplo, a ampliação da infraestrutura para veículos elétricos; investimento em transporte público eficiente e menos poluente; e a promoção de modos de transporte mais sustentáveis", pontua.

ACORDO

O Acordo de Paris é um pacto global crucial dentro da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), adotado em 2015. A sua principal meta é manter o aumento da temperatura global 2 graus Celsius abaixo dos níveis pré-industriais. O esforço é para restringir esse aumento a 1,5 grau Celsius. Este limite de 1,5 a 2 graus é considerado por muitos cientistas e formuladores de políticas governamentais como um "limite seguro", além do qual os efeitos das mudanças climáticas poderão se tornar irreversivelmente catastróficos e muito mais difíceis de

gerir ou mitigar. André Cutrim destaca que o Acordo de Paris congrega nações do mundo inteiro em um esforço unificado para combater as mudanças climáticas, reconhecendo que somente uma ação coordenada pode impedir as consequências mais severas. Os países participantes comprometem-se com metas nacionais de redução de emissões, conhecidas como Contribuições Nacionalmente Determinadas (CND), que devem ser revistas e intensificadas a cada cinco anos.

INDÍGENAS

A situação dos povos indígenas no Brasil, e em muitas outras regiões do mundo, é complexa e multifacetada. "Estamos imersos em uma 'onda' reacionária e notadamente conservadora para questões desse tipo", destaca Cutrim. Para Aldo Rebelo a agenda da questão indígena no Brasil é também uma agenda imposta de fora para dentro. Ele destaca que a maior taxa de mortalidade infantil do Brasil é entre as populações indígenas. A maior taxa de analfabetismo na população brasileira é entre a população indígena. As maiores taxas de doenças infecciosas são entre a população indígena. Os piores indicadores de saneamento básico, a menor taxa de fornecimento de água tratada, menor taxa de luz elétrica por domicílio. "As pessoas estão preocupadas apenas em ampliar a demarcação de terras indígenas. Ora, se a demarcação de área indígena fosse solução para a questão indígena a situação dos Yanomamis seria uma situação absolutamente tranquila porque tem lá uma área maior do que Santa Catarina, por exemplo, porque vive numa situação de subnutrição ou de fome, de abandono?, questiona Rebelo.

EXTRA

Sebrae quer incentivar pequenos negócios na COP30

O presidente do Sebrae Nacional, Décio Lima, o diretor-superintendente do Sebrae do Pará, Rubens Magno, e a chefe da equipe de engajamento de setor privado do escritório especial de mudanças climáticas dos Emirados Árabes Unidos para a COP28, Hanan Sakr, se reuniram nesta sexta-feira (1º) para articular estratégias em prepara-

ção dos pequenos negócios paraenses para a COP 30, que ocorrerá em 2025, em Belém. O encontro ocorreu nas Instalações da Expo City, em Dubai, durante a COP 28. "Foi muito importante esse encontro para conhecer um pouco da organização da COP deste ano e levar experiências para a conferência no Pará", destacou Rubens Magno.

Técnicos do Sebrae também participaram da reunião. Essa foi a primeira de uma série de atividades que a comitiva do Pará irá participar na COP 28, que ocorre em Dubai, até o próximo dia 12 de dezembro, que inclui reuniões, painéis, visitas técnicas e eventos para tratar da COP 30.



Comitiva do Sebrae em reunião na COP28